

29-09-2021

"INSTITUIÇÃO TOTAL" II: ITAIPU BINACIONAL (1974-1982) CRIME DO ESTADO CONTRA OS DIREITOS HUMANOS

Rosângela Gaze

[Médica sanitária. Professora do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva/UFRJ]

A foto de uma das estruturas da hidrelétrica dá uma ideia dos perigos enfrentados por trabalhadores: escalando as gigantescas estruturas, ex-lavradores e desempregados de diversos matizes, em duras jornadas diárias (de até 17 horas), sob ameaças constantes de demissão e morte.

Destaque-se que barrageiros, sem escolaridade ou qualificação, eram contratados para serviços que exigiam força bruta. O jornalista Tão Gomes [Pinto](#) (2009) menciona que 138 trabalhadores morreram por acidentes na Itaipu. Fora os 'escondidos' pelo regime, claro!



Nas "memórias subterrâneas" dos ex-trabalhadores entrevistados por [Ueda](#) (2019) observa-se que o assédio moral era requintado em crueldade destinado a amiudar ainda mais a sofrida realidade dos barrageiros:

"eles cansaram de dizer pra nós que matar, encher um caminhão de peão e jogar na ponte era a mesma coisa que jogar um caminhão de porco, e dava até menos prejuízo na época. Então a gente ouvia essas coisas na época, e é bastante difícil pra gente..."

(Dutra, segundo Ueda, 2019)

Na Itaipu, não convinha valorizar a morte no canteiro de obras:

"[presenciei] muito pouco [acidente de trabalho] [...] o que dizia era 'já pegou alta e tá beleza' [...] 'pegou alta' Então não se comentava muito. Viu? Viu. Não viu? Pronto.

(Dutra, segundo Ueda, 2019)

Havia um "senso prático" de se lidar com os acidentes de trabalho...

"Lá na Itaipu quando se morria uma pessoa os guardas já estavam preparando para jogar um pano em cima e não deixava nem a pessoa ver quem que era, não é? E nunca dizia que morreu, sempre levava para o hospital, não é? Pegava o cara morto, com os miolos esbagaçados e levava... O segurança da Itaipu era preparado para não dizer... 'ah fulano morreu' 'fulano não morreu, fulano vai para o hospital'"

(Dutra, segundo Ueda, 2019)

A 'praticidade' incluía levar o corpo das vítimas de acidentes fatais ao hospital para que o óbito não fosse registrado como ocorrência no canteiro de obras, livrando a empresa de responsabilidade, maquiando os dados reais de acidentes e perversamente dificultando os trâmites e reduzindo a indenização da família ([Sessi](#), 2015).

Havia barrageiros que desapareciam, eram encontrados (ou não) mortos no rio - "o corpo já decomposto foi encontrado somente com a camisa e o crachá pendurado ao bolso e uma corda amarrada na árvore" - outros que se suicidavam em áreas coletivas - "elemento que se enforcou debaixo da arquibancada do estádio". Depressão, alcoolismo, dívidas, separação da família? Ou tática do regime? Este foi o posicionamento da Corte Interamericana de Direitos Humanos na sentença sobre o caso Herzog e outros em 15/03/2018 (p.23-4) ([veja](#)): "[...] durante "os três primeiros anos [do governo do Presidente] Geisel [1974-1979], o desaparecimento de presos políticos, que antes era apenas uma parcela das mortes ocorridas, torna-se a regra predominante para que não ficasse estampada a contradição entre discurso de abertura e a repetição sistemática das velhas notas oficiais simulando atropelamentos, tentativas de fuga e falsos suicídios". Como consequência, a partir de 1974, "oficialmente não houve mortes nas prisões, todos os presos políticos mortos 'desapareceram' [e] o regime passou a não mais assumir o assassinato de opositores". [grifei]

Em versão 'menos contestada' desta história, os ditadores do Brasil e do Paraguai - Geisel e Stroessner - apertaram juntos o botão para a explosão que abriria o canal de desvio do Rio Paraná em 20/10/1978. Na cerimônia, os trabalhadores mortos foram homenageados como heróis que tombam em guerras.

O Informativo Unicon registraria: "recordemos aqueles que tombaram no cumprimento do dever, envolvidos na sagrada mortalha do suor. Partiram mas, antes, imprimiram suas marcas indelévels nas faces dos monólitos. As águas têm sensibilidade e hão de beijá-las com todo respeito" ([veja](#)). Sem dúvidas, suas faces marcaram os monólitos! As águas têm sensibilidade.

O fascismo abominável sobrevive e se reproduz. Em cerimônia de nomeação de novos diretores da Itaipu, o recém-empossado Bolsonaro (26/02/2019) rasgou elogios ao ditador paraguaio - responsável por milhares de prisões arbitrárias, torturas e desaparecimentos - chamando Stroessner de estadista ([veja](#)).

Por sua vez, o presidente paraguaio Mario Abdo, filho do braço-direito do ditador, ouviu-o calado e, em seu discurso, confirmou vinda ao Brasil. Abdo (mais) e Bolsonaro (menos), como se sabe, estão sob ameaça de *impeachment*. Nos dias presentes, os 'estadistas' que não conseguem evitar a grave crise energética e o xadrez político das próximas eleições tendem para a manutenção do genocida cuja tática é 'aos amigos de fé e da extrema direita tudo'. Itaipu quitará em 2023 a dívida contraída para sua construção, o que significa que cada um dos dois países poderá dispor de excedente anual de cerca de 2 bilhões de dólares.

Recursos que poderiam ser investidos, por exemplo, em "programas sociais de apoio a consumidores de baixa renda, recuperação de bacias hidrográficas e conclusão da Angra III". Estes recursos são de interesse nacional. Não podem ficar restritos ao Paraná e ao Paraguai ([veja](#)). Não podem estar nas mãos do sórdido e corrupto fundamentalismo.

"MORRIA MUITA GENTE EM ITAIPU"

Entoemos aos trabalhadores da "pedra que canta"¹,
a resistência à "roda-viva que carrega o destino p'ra lá"... ([ouça](#))²

Nota:

1. Itaipu em Tupi-Guarani.

2. Roda Viva (Chico Buarque, 1967). Interpretação: MPB4 e Chico Buarque.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.